

enfermeira no relacionamento de ajuda implícito no cuidar.

Marinha Mendonça

NUANCES DA SEXUALIDADE (...) NA ADOLESCÊNCIA

Quando nascemos estamos já biologicamente *equipados* para a sexualidade, onde órgão e suas funções estão em potencial, no entanto só se actualizarão, mercê de longos e complexos processos de maturação biológica e psicológica, e de relacionamentos afectivos com pessoas que nos preferiram, e que também nós fomos preferindo como parceiros singulares da nossa vida (Salgueiro Emílio, 2000; Diamond Jared, 2001).

As ecografias mostram que os fetos masculinos têm pelo menos a partir das 36 semanas, erecções regulares, durante as fases do sono R.E.M ou dos movimentos oculares rápidos. Também tudo indica que os fetos femininos tenham, momentos semelhantes de ingurgitamento clitoridiano (Rodrigues Custódio, 1999; Salgueiro Emílio, 2000; Rosa João, 2001).

É importante que tenhamos conhecimento que estas erecções ou ingurgitamentos de órgãos, normalmente acompanhados das fases do sono R.E.M terão continuidade no bebé, na criança, mais tarde no jovem e no adulto (Rodrigues

Custódio, 1999; Salgueiro Emílio, 2000; Rosa João, 2001).

Por volta dos dois, dois anos e meio, o sono R.E.M. irá facilitar a edificação e a ocorrência do processo onírico (Rodrigues Custódio, 1999; Salgueiro Emílio, 2000).

Desde muito cedo há uma simbiose quase perfeita entre sonho e sexualidade. E os primórdios da construção sexual, devemos procurá-los na relação mãe-bebé. O prazer que ambos tiram dos seus encontros, desencontros e reencontros, é pedra de toque na vida afectiva e relacional da criança, nela incluindo a que virá a ser a sua vida sexual (Rodrigues Custódio, 1999; Salgueiro Emílio; Marques António, 2000).

A harmonia perfeita da relação, ao sentirem-se emaranhados, pelo contacto das suas peles, o prazer dos cheiros e dos sabores da mãe, ainda o prazer da mamada, os prazeres do banho, de ouvir a mãe, tudo isto se vai agrupando na sua memória afectivo-cognitiva corporal (Rodrigues Custódio, 1999; Salgueiro Emílio, 2000).

“A chamada cena primordial, vai sendo construída pela criança a partir do sentimento iniludível de que existem momentos de grande intensidade afectiva e excitação entre os pais, que conduzem a uma aproximação corporal, onde está implícita uma ideia de junção, de encaixe mútuo, de penetração ou interpenetração que se acompanha de prazer – a criança sente-se perturbada, excitada, mas,

sobretudo, radicalmente excluída desta situação” (Salgueiro Emílio, in Pedro João Gomes e Barbosa António, 2000:75).

A sexualidade infantil, tem em *parte* algum peso na sexualidade do adolescente, isto porque, em relação à sexualidade as coisas vivenciadas na adolescência são suficientemente importantes, para que alguns problemas que tenham, eventualmente, surgido ao longo da evolução da infância e da sexualidade infantil, possam ainda ser superados (Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2001).

Acreditando que há uma divisão um pouco académica entre infância, adolescência e idade adulta e, finalmente, a terceira idade, podemos dizer que a adolescência se inicia pelo período a que se chama puberdade. Todo o conjunto de transformações físicas, psicológicas e sociais é considerado o processo adolescente.

Ao longo deste processo, hão-de passar-se coisas muito díspares; a modificação da relação com os seus pais, com os seus companheiros e também todo o problema da identidade sexual, que deslizando pelo amor e pela sexualidade, se propõe atingir o que se considera ser o final da adolescência, experimentando a autonomia, a identidade pessoal e o seu próprio sistema de valores que lhe permitam decidir livremente aquilo que quer e aquilo que não quer (Marques António et al., 1999; Sampaio Daniel, 2001 e 2004).

As mensagens que os pais possam transmitir relativamente à sua própria sexualidade são fundamentais para a maturação sexual do adolescente. O exibicionismo nesta fase de crescimento e desenvolvimento também é perfeitamente normal. A sexualidade adolescente organiza-se a partir das experiências que o adolescente vai tendo no seu contacto com os pais ou figuras parentais, bem como no seu contacto com o grupo de jovens (Andrade Isabel, 1996; Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2001 e 2004). São fundamentais todas as interações que se vão operar entre o jovem e o seu grupo, podendo dizer-se que um jovem que passa a sua adolescência isolado, será provavelmente um jovem com um potencial acrescido de dificuldades na área da sexualidade, com problemas em assumir a sua autonomia e a identidade sexual (Rodrigues Custódio, 1999; Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2001 e 2004). É neste sentido, que a sexualidade se vai organizar em experiências e em valores. Este evoluir na adolescência é, contudo, feito de avanços e recuos (Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2001).

Se, porventura todo este processo se desenrolou de uma forma saudável, poderemos dizer que a sexualidade juvenil evolui sem grandes reboços. Embora tenhamos alguma tendência para falar da adolescência patológica, problemática, não devemos esquecer que a adolescência é sobretudo festa,

descoberta, invenção e é extremamente importante que tenhamos a ideia de que na grande maioria dos casos, tudo isto corre muito bem, sendo muitas vezes os adultos que têm grandes fantasmas, especialmente no campo da sexualidade do adolescente (Marques António et al., 1999; Sampaio Daniel, 2001).

Do exposto, depreende-se que no final da adolescência o jovem tem a sua identidade e relação sexual estável ou quase estável, tenha um projecto e capacidade de decisão, uma ideia sobre o seu futuro, bem como capacidade e assertividade para poder, assente num sistema de valores construídos, decidir sobre esse projecto, e em relação à sua própria sexualidade (Andrade Isabel, 1996; Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2001).

Pode considerar-se que o sexo é uma das actividades relacionadas com a saúde que afecta toda a gente, pelo que provoca debates especialmente inflamados (Macpherson Ann, 2001). O primeiro-ministro da Grã-Bretanha, citado por Macpherson Ann (2001:24), adoptou a posição que apresentamos, relativamente à saúde sexual dos adolescentes: *“Gostava que ficasse bem claro que penso que os jovens não deveriam ter relações sexuais antes dos 16 anos. Estou convicto desta minha opinião, mas sei também que, por muito que desaprovemos, esta é uma realidade com que nos deparamos. Não devemos condenar as suas opções, mas sim estar prontos a ajudá-los*

a evitar os riscos que advêm dos seus comportamentos. Na realidade, o sexo desprotegido é perigoso em qualquer idade”.

Os meios de comunicação social pretendem, diariamente confundir-nos com informação que coloca lado a lado sexo e violência, *esquecendo deliberadamente* que o sexo deve ser algo maravilhoso, respeitosamente divertido e especialmente agradável. Vejamos que muito embora se condene veementemente a ideia de matar, mutilar ou desfigurar pessoas, imagens destas dimensões passam livre e constantemente na televisão. Porém, imagens de sexo educativo - formativo não aparecem, desta forma permitimo-nos criticar a actividade sexual, que seria difícil de criticar não fora o facto de aparecer ligada à violência (Macpherson Ann, 2001).

Como profissionais de saúde responsáveis, temos o dever de procurar formas de promover a saúde sexual dos jovens, ao invés de a tentar moralizar inadequadamente (Macpherson Ann, 2001).

Sabendo que os adolescentes, gostariam de ter acesso a informações sobre sexualidade e contracepção, e ainda sobre os sentimentos e formas que promovem um relacionamento positivo com os seus pais, parece-nos indispensável que os enfermeiros (especialmente as escolas superiores de enfermagem e, os enfermeiros que trabalham em cuidados de saúde primários) formem e adquiram formação no âmbito da sexualidade

adolescência, não devendo ser considerados anormais. Bem pelo contrário, têm a ver com a tentativa do jovem dominar o prazer da excitação sexual e o ensaio para a resolver (Alvim Francisco, 1986; Andrade Isabel, 1996; Rodrigues Custódio, 1999; Marques António, 2000; Rosas João, 2001).

A masturbação é uma fase indispensável para a criança atingir o completo e normal desenvolvimento. Estudos indicam que a criança que não se masturba dá indicações de algo de grave e anormal se estar a passar (Alvim Francisco, 1986; Marques António, 2000; Sampaio Daniel 2001).

Lentamente, a criança reduzirá essas práticas às estritamente indispensáveis ao seu equilíbrio. Há que considerar que a falta de boas relações afectivas com os pais pode fazer com que a criança procure na masturbação uma compensação ao que lhe falta (Alvim Francisco, 1986; Marques António et al., 1999).

A puberdade também se caracteriza pelo aparecimento da última função sexual, a ejaculação nos rapazes e a menstruação nas raparigas, sendo cronologicamente variável, em função do clima, da alimentação, da constituição da criança, e ainda da sua própria raça (Alvim Francisco, 1986; Andrade Isabel, 1996).

No tocante à aceitação dos papéis sexuais, compatíveis com o que a natureza dá, é preciso saber que a característica da sexualidade viril é

a actividade que empreende, e que o carácter essencial da feminilidade é a passividade receptiva. É, no entanto, indispensável compreender que a função sexual de um sexo assegura a do sexo oposto, exactamente por serem complementares (Alvim Francisco, 1986; Moore Thomas, 1999; Diamond Jared, 2001).

Nenhum pai ou educador poderá fornecer ao jovem educando uma educação sexual válida se ele próprio tiver problemas ou ansiedades no tocante à sua própria sexualidade. Será importante lembrar que, não havendo uma normalidade sexual absoluta, as perturbações são neste campo tanto mais frequentes, quanto não se fala nelas (Alvim Francisco, 1986; Rodrigues Custódio, 1999; Marques António, 2000; Sampaio Daniel, 2004).

A cultura Ocidental assenta na divisão dos sexos como duas essências distintas:

“A masculinidade é valorada como principio superior e termo de comparação. A feminilidade como “falta”. A homossexualidade como uma “batota” no jogo dicotómico, o que leva à estigmatização do homossexual como “feminino” e da lésbica como “masculino”. Na base disto quem reproduz e quem não reproduz” (Almeida Miguel Vale, 1993:3).

A sexualidade, em sentido lato, confunde-se com o *Eros*, ou força de vida, que promove, aproxima e liga os seres vivos, opondo-se ao

Tanatos ou força mortífera (Moore Thomas, 1999; Salgueiro Emílio, 2000).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Maria Isabel (1996) – *Labirintos da Sexualidade*. Porto. Porto Editora.
- DIAMOND, Jared (2001) – *Porque Gostamos de Sexo: A evolução da sexualidade humana*. 1.ª ed. Lisboa. Artes Gráficas L.da.
- GRANDE, Nuno (1999) – *Apontamentos obtidos nas aulas de Ética*. Porto. VII curso de Mestrado em Ciências de Enfermagem, ICBAS.
- MACPHERSON, Ann (2001) – *Sexualidade e Adolescência*. UPDATE, Planeamento Familiar (Fevereiro), pg : 26-27.
- MARQUES António. (2000) - *Curso de Adolescência e Sexualidade*. Sub-região de Saúde de Bragança, Janeiro.
- MARQUES António et al (1999) - *Curso de Adolescência e Sexualidade*. Macedo de Cavaleiros. Maio.
- MOORE, Thomas (1999) – *A Alma Do Sexo, Cultivando a Vida Como Um Acto de Amor*. Lisboa. Planeta Editora.
- RODRIGUES, Custódio. (1999) – *Apontamentos obtidos nas aulas de Sócio-Antropologia da Saúde* – Curso de Mestrado Ciências de Enfermagem. Porto. ICBAS
- ROSA, João (2001) – *Deveraneios*. Revista Saúde e Bem Estar. N.º 88 (Agosto), pg : 6-33.

SAMPAIO, Daniel. (2001) – *Conversas Privadas*. RTP Canal 2, 1.º Semestre.

SAMPAIO, Daniel. (2004) – *Herman SIC-Vagamundo de nós*. SIC 14 de Março.

SERRÃO, Daniel; NUNES, R. (1998) – *Ética em Cuidados de Saúde*. Porto. Porto Editora.

Manuel Brás

Representação social do papel de género (II)

Foram desenvolvidos diversos estudos sobre a diferença entre os sexos, numa tentativa de explicar de outra forma as diferenças de posição entre o homem e a mulher.

Terman e Miles (1936, in Lorenzi-Cioldi, 1994) sugerem que as diferenças entre os sexos poderiam ser devidas aos temperamentos do homem e da mulher, pois nos estudos efectuados por Terman sobre a inteligência não tinham sido encontradas diferenças significativas entre os dois sexos.

Elaboraram um questionário de masculinidade – feminilidade “Teste de atitudes e interesses”, incluindo, no mesmo, questões de âmbito tão diversificado como emoções, normas sociais, interesses e preferências, além de conhecimentos em determinados domínios específicos. O objectivo dos autores seria avaliar de que forma os homens e as mulheres